

Defensor de perseguidos pela ditadura, Marcello Cerqueira lança livro

Advogado, que atuou em mais de mil casos contra o regime militar, conta o que viveu 06 de Outubro de 2017 , 6:23

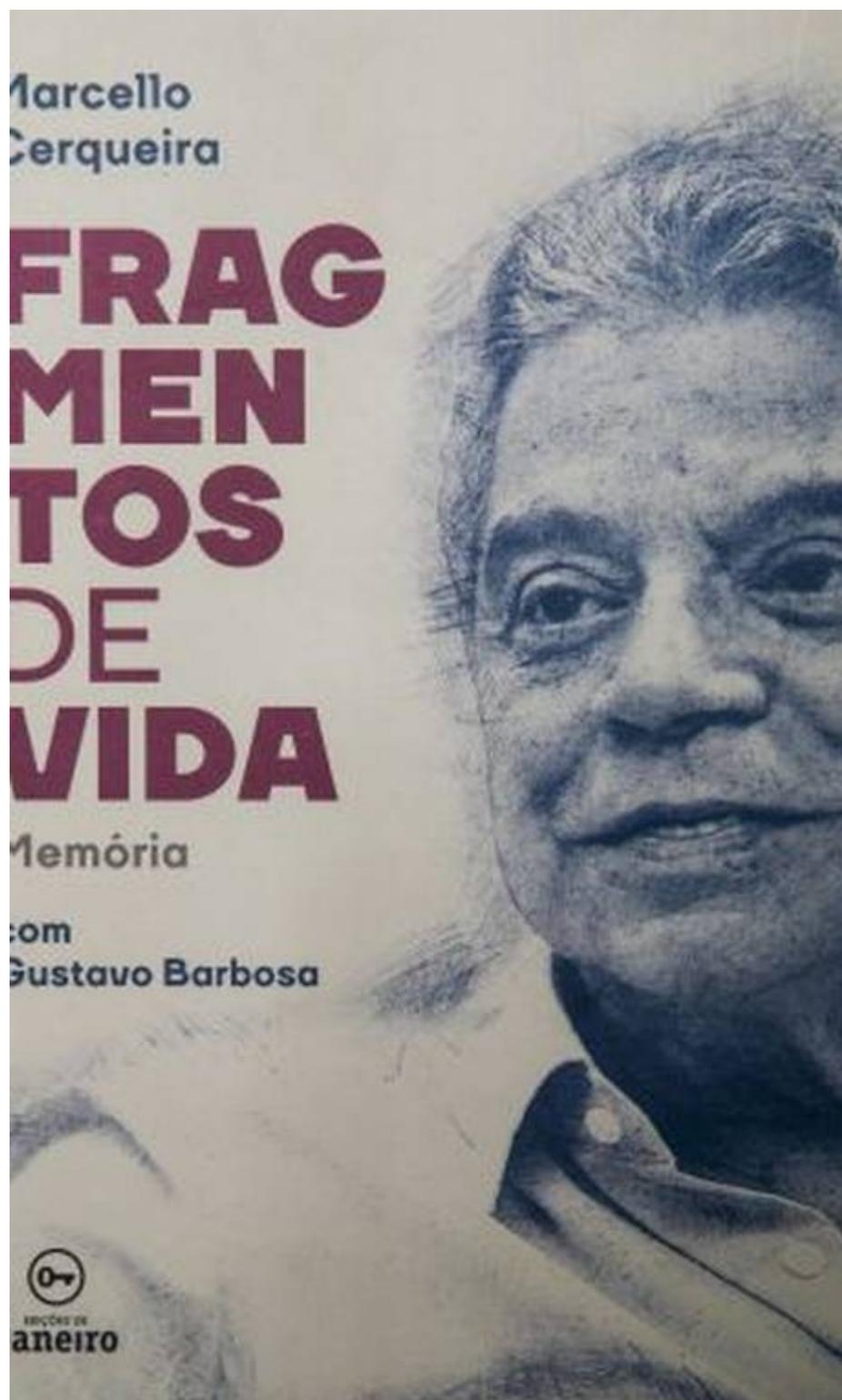
Defensor de perseguidos pela ditadura, Marcello Cerqueira lança livro

Advogado, que atuou em mais de mil casos contra o regime militar, conta o que viveu

Fonte: Leia mais:

<https://oglobo.globo.com/brasil/defensor-de-perseguidos-pela-ditadura-marcello-cerqueira-lanca-livro-21779547#ixzz4uiaXyfVk>

por Miguel Caballero



Capa de “Fragmentos de Vida”, de Marcello Cerqueira - **Guito Moreto / Agência O Globo**

RIO - Preso pela ditadura, Darcy Ribeiro exclamou com alegria ao avistar Marcello Cerqueira, um dos mais notórios defensores de perseguidos pelo regime militar, adentrar a carceragem do Batalhão do Comando Geral do Corpo de Fuzileiros Navais. “Estou solto!”, animou-se o professor. “Lamento desiludi-lo, eu é que estou preso, Darcy”, respondeu o advogado.

A passagem é uma das preciosidades de “Fragmentos de vida”, livro de memórias lançado por Cerqueira na última semana. Preso a uma cadeira de rodas desde um acidente doméstico sofrido em maio do ano passado, Cerqueira entremeia momentos marcantes de sua luta política com lembranças da infância no Grajaú, e poemas escritos recentemente, em capítulos dedicados a amigos como Pedro Simon, José Serra, Jacob Kligerman, Santiago Dantas, Eros Grau e Leandro Konder.

Vice-presidente da UNE em 1964, quando Serra comandava a entidade, Cerqueira lembra-se de ter passado boa parte daquele 31 de março junto do hoje senador tucano na casa do então deputado Tenório Cavalcante, em Caxias, endereço que julgavam seguro para prevenir eventual prisão. Ainda naquele dia, esteve na base aérea do Santos Dumont, onde testemunhou uma cena que por pouco não mudou o curso da História. O brigadeiro Francisco Teixeira, comandante da 3ª Zona Aérea (Rio de Janeiro) e contrário ao golpe, aguardava uma ligação do presidente João Goulart autorizando o envio de caças para bombardear as tropas comandadas pelo general Olímpio Mourão Filho que desciam de Juiz de Fora para o Rio no movimento de deposição do governo — o telefone jamais tocou.

Cerqueira atuou em mais de mil processos de presos e perseguidos pelos militares. Já no início dos anos 1980, em plena abertura do regime e quando era deputado federal pelo MDB, foi alvo de um atentado a bomba. Aos 79 anos, rejeita protagonismos:

— O tempo vai passando, os companheiros vão morrendo, e os que sobraram vão tendo esse reconhecimento. Tive uma participação modesta se você comparar com um Modesto da Silveira, um Heleno Fragoso, Evaristo de Moraes... Não é um ato de heroísmo. O atentado foi contra mim porque eu era o único que morava em casa, em Santa Teresa, eles todos moravam em prédios.

TENTATIVA DE DISSUADIR MARIGHELLA DA GUERRILHA

Com a ajuda do ex-presidente Juscelino Kubitschek, Cerqueira e José Serra se exilaram na Bolívia dias após o golpe. O advogado seguiria para Buenos Aires, mas por pouco tempo e, já no início de 1965, estava de volta ao Brasil. Desde o início, considerou um erro estratégico a resistência armada à ditadura e relembra quando tentou convencer Carlos Marighella a desistir da guerrilha, que começava a se organizar.

— Eu disse a ele: “Marighella, você vai enfrentar a ditadura onde ela é mais forte? Nas armas?” Ele me respondeu: “Eu não quero morrer na ditadura.” Ali eu entendi que ele não queria viver novamente numa ditadura, pois já tinha enfrentado a do Estado Novo. Esse diálogo foi entre 1965 e 1966 — conta.

Durante os anos de chumbo, defendeu centenas de anônimos resistentes aos militares, mas também figuras ilustres como o educador Anísio Teixeira e a atriz Leila Diniz. Foi deputado federal por um mandato e, em 1985, foi candidato pelo PSB a prefeito do Rio, tendo o jornalista João Saldanha (PCB) como vice, em eleição vencida por Saturnino Braga (PDT).

[Publicidade](#)

Só se refere à anistia como “ampla, geral e mesquinha”, numa paródia do slogan para deixar marcado que considera inaceitável a não investigação dos crimes cometidos pelos militares.

No livro, narra ainda sessões de tortura a que foi submetido nas duas vezes em que esteve preso.

É alheio a políticas e à vida pública o caso de sua carreira no Direito que guarda com mais carinho e que mais gosta de contar, também descrita no livro.

— Eu era deputado, estava no recesso de dezembro, e meu colega Jackson Barreto, mais tarde governador do Sergipe, me pediu ajuda num caso no interior de Propriá (divisa de Sergipe com Alagoas, à beira do São Francisco). Posseiros descendentes de índios tupinambás, que viviam da venda do coqueiral nativo, estavam presos, acusados de roubar cocos de terras vizinhas — uma grande empresa havia comprado as terras ao redor, e eles não quiseram vender o pedaço deles. Quando cheguei, o líder falou: “Doutor, essa terra é da santa! A terra é da santa!”. Fomos descobrir que um antigo barão, ainda nos tempos do Reinado, havia doado suas posses à Santana dos Frades, em retribuição a uma graça alcançada. A “escritura” de doação fora feita em livro da própria igreja. O livro foi encontrado, e o habeas corpus foi conseguido liberando todos ainda antes do Natal

Leia mais:

<https://oglobo.globo.com/brasil/defensor-de-perseguidos-pela-ditadura-marcello-cerqueira-la-nca-livro-21779547#ixzz4uiaqP8SJ>

stest

[Enviar para impressão](#)